

Da educação física escolar: intelecto, emoção e corpo ¹

Hugo Lovisolo

Universidade Gama Filho ²

Resumo: O autor argumenta: a) contra àqueles que programam a educação física escolar sem levar em consideração a proposta pedagógica da escola, que se deve orientar pela formação intelectual, emotiva e corporal e b) contra os que confundem os valores da formação com específicos grupos de disciplina. A partir de sua argumentação negativa vai mostrando com exemplos e situações como a educação física pode fazer parte de um trabalho integrado ou interdisciplinar que não abandone, entretanto, seus objetivos específicos no campo do desenvolvimento e expressão do movimento corporal dentro da proposta formativa da escola.

Palavras chave: educação física, escola, aprendizagem.

Physical education: intellect, emotion and body

Abstract: The author discourses: a) against the people that claims that physical education at school should be programmed without considering the pedagogical proposal of the school, the last should be oriented by the intellectual, emotive and cultural literacy process and b) against people that confuses the values of the literacy process as specific groups of subjects. Through negative argumentation the author shows with cases and situations how the physical education can take part in a interdisciplinary integrated endeavor, however that does not abandons the specific objectives of physical education in the field of development and expression of corporal movement according to the literacy process proposal of the school.

Key Words: physical education, school, learning.

Pretendo nesta conversa ir juntando alguns dos cacos deixados ao longo do caminho. Os cacos são resultados de ensaios e pesquisas sobre educação e especificamente sobre a educação física escolar. Tentarei fazer o percorrido de um modo auto-reflexivo e dialógico.

Em alguma oportunidade escrevi que minhas reflexões sobre a educação estiveram sempre banhadas por um sentimento de afeto, de agradecimento, em outras palavras, que me resulta difícil falar da educação de forma distanciada (Lovisolo, H, 1990). Em vários sentidos eu me sinto filho da “escola” e de sua valorização, tanto quanto da família, do bairro e de uma rede de relações significativas. O indicador mais claro deste pertencimento são as histórias que eu tenho para contar sobre minha vida escolar. Não raro, as

lembranças me assaltam sem evocação consciente. Creio que uma manifestação forte de sermos seres da linguagem é que temos narrativas ou histórias para falar das coisas e momentos de nossa vida enraizados em nossas emoções. As narrativas se entrelaçam formando nosso eu. Diria, de modo simples, que uma “escola” é significativa quando nos deixa com os sinais da dívida, do reconhecimento, da alegria das lembranças da vida escolar e, também, das rejeições ou recusas. Quando podemos dizer: eu sou também e parcialmente essa escola com suas virtudes e defeitos. Em outros termos, acreditamos que a escola, quando significativa, passe a formar parte dos pertencimentos que nos fazem singulares, que nos permitem falar “eu” ou “nos”. Sendo cada uma dessas categorias um particular entremeadado de pertencimentos (Lovisolo, H, 1990).

Retornando na escada do tempo, reconheço que as aulas de educação física eram para mim parte da escola, como as de manualidades, matemáticas e línguas. Eram aulas talvez pobres realizadas no pátio escolar e sem professor especializado. Corrida, movimentos

¹ Artigo da conferência a ser apresentada durante o III Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e IX Simpósio Paulista de Educação Física, na cidade de Rio Claro, Estado de São Paulo, Brasil, durante os dias 30 de abril a 3 de maio de 2003.

² PPGEF – UFG Rio de Janeiro RJ

ginásticos e queimado. Essas variações conhecidas e ainda praticadas já não nos satisfazem, talvez foram válidas em outras condições. Creio que nos reunimos porque as insatisfações são crescentes, porque temos muitas dúvidas sobre o que e como fazer na educação física escolar.

Ao o longo de meu arrazoado me guiarei por uma experiência que pode ser entendida enquanto princípio banal ou óbvio: não posso falar da educação física sem integrá-la na escola. Os discursos e propostas sobre a educação física que não a integram no todo, que não a contextualizam, que não a articulam com outras disciplinas e atividades me parecem soltos, fora de lugar. Um gênero de especialismo tolo. Não creio que tenhamos outra bússola para encontrarmos o caminho que o de ir do todo à parte e, desta, volver ao todo. Nessa circularidade talvez hermenêutica aparece o sentido do fazer. Somos seres fadados a atribuir sentidos e os “sem-sentidos” habitualmente nos deixam indiferentes ou mesmo irados.

Diria, então, que a educação física escolar apenas faz sentido quando articulada e integrada no projeto da escola. Uma escola sem projeto é um navio à deriva. Sem intencionalidade nem motivação, está sujeita a ventos, a trovoadas, a calmarias estressantes (Lovisolo, H.). O projeto promove os acordos, possibilita a ação coletiva. Acreditamos que se agirmos todos na mesma direção, orientados pelo mesmo conjunto de valores e objetivos, poderemos ser eficazes na ação. Resulta-nos difícil acreditar que se cada um faz seus antojos chegaremos a bom porto, temos pouca confiança na mão oculta do mercado, no guia da providência ou da seleção na interação social. Contudo, vale a pena dizer que a participação ampla na elaboração do projeto se justifica muito mais pela eficácia simbólica do acordo construído do que pela qualidade do projeto elaborado. Somos democráticos, acreditamos que o projeto bom, a lei legítima, deve vir de baixo para cima, de dentro para fora. Passou-se o tempo de contratar especialistas externos para elaborar a legislação ou de trazer o juiz-de-fora. Já não acreditamos na luz esclarecedora do distanciamento de tais personagens. Diria que estamos embebidos de emoções românticas que formam parte de nossas escolhas, decisões, enfim, dos modos de pensar os problemas e das respostas que dermos.

Assim, a primeira obrigação do educador físico escolar é a de contribuir com a formulação do projeto da escola, realizando o desenho e enraizamento das intenções ou motivos que lhe dão sua cara e seu rumo. Fazer um projeto significa apresentar um horizonte de valores transformados em objetivos. Significa dizer: queremos chegar lá. Também significa distribuir os meios aceitos e não aceitos para chegarmos aos objetivos e saber, portanto, que há valores que regem os meios que utilizamos, valores que incidem na seleção dos caminhos ou mediações (Lovisolo, H., 2000).

É apenas sob o projeto da escola que a educação física escolar pode encontrar sua forma de contribuição, seu modo de ser e estar. Devendo, ao mesmo tempo, ser englobada pelo projeto e realizar sua contribuição diferencial, sua especificidade. De um lado, então, temos a comunalidade no projeto; do outro, sua singularidade dentro do projeto. Este equilíbrio é fundamental e não resulta fácil ser atingido. A procura desse equilíbrio ou conciliação deveria formar parte das preocupações de todos os atores escolares, não apenas dos educadores físicos (Lovisolo, H., 1990).

Estamos aqui, então, para conversarmos sobre a educação física da e na escola. De fato, apenas pode existir educação física na escola. Treinamento esportivo e educação física não se equivalem, embora a educação física possa colocar em ação conhecimentos do treinamento esportivo, da fisiologia e da biomecânica, da psicologia, da história e da sociologia do esporte. Eu tenho salientado que temos tribos na educação física, tenho enfatizado o processo de diferenciação dos que lidam com as atividades corporais (Lovisolo, H., 2000). Pretendia com isso salientar que os valores e conhecimentos da educação física escolar, do treinamento esportivo, da modelagem corporal e da atividade física para a saúde tem peculiaridades suficientes para fazer que essas áreas elaborem tradições específicas. Ninguém confunde um engenheiro com um físico, embora exista um bocado de conhecimentos em comum e, mesmo desempenhos profissionais semelhantes. O treinador e o educador físico escolar não deveriam ser confundidos ainda quando usem expressões lingüísticas semelhantes para falar de suas atividades. O fato que fale de tribos não significa que pretenda eliminar alguma delas, creio que cada uma possui seu próprio nicho ecológico. O que pretendo dizer é que a não distinção facilita a confusão que dificulta que pensemos adequadamente a especificidade de cada uma delas.

Devo reconhecer que o qualificativo de “física” para a educação me incomoda, embora forme parte da tradição. Dizem que foi John Locke quem primeiro distinguiu a educação em termos de intelectual, moral e física. Creio que Locke estava definindo ao seu ser humano com essa proposta. Um ser que pensa, raciocina; um ser que está com outros e consigo mesmo; um ser que é e se expressa por meio do seu corpo. Locke era um sujeito muito interessante, ele considerava que as manualidades deviam entrar na formação e nas disposições ou hábitos das pessoas. Ou seja, a educação física escolar situa-se na tradição da formação das dimensões da pessoa. O treinamento apenas faz sentido no complexo de significados apontados por termos como “espetacularização do esporte”, “competição”, “mercantilização” e “quebra de records”.

Eu proporia modificar um pouco os termos de tratamento de nossa questão, a educação física escolar, farei a narrativa do que penso com palavras que considero mais significativas para o nosso presente.

Diria que a educação de modo geral, e a escolar em particular, tem por objetivo a formação de disposições intelectuais, emotivas e corporais da pessoa. Intelecto, emoção e corpo são dimensões da formação. Creio que estamos constituídos pela sensibilidade romântica e, então, não podemos fugir da idéia de que cada um deve expandir seu próprio desenvolvimento em todas as dimensões e a escola, portanto, deveria ter uma contribuição principal nessa expansão pessoal que interage com as condições do mundo. O tema da expansão pessoal nas condições ou circunstâncias do mundo, de suas formas e modos, de suas mediações e caminhos, de suas dimensões e conteúdos, é o centro do projeto escolar, seu ponto de gravitação.

Creio que na formulação do projeto escolar estamos hiperdeterminados pelos conteúdos das disciplinas escolares. O peso dessa hiperdeterminação é enorme e faz que a) acabemos igualando projeto e currículo e b) operemos associando automaticamente cada dimensão da formação a um conjunto restrito de disciplinas. Sensibilidade e emoção, então, pareceriam que devem ser formadas mediante as artes e a literatura. O desenvolvimento cognitivo mediante as matemáticas e as ciências exatas, e assim por diante. Contudo, a organização das disciplinas é um produto bastante frágil da história que os historiadores e sociólogos da ciência narram e criticam. A organização das disciplinas na escola é sempre uma organização que está deixando de ser, uma representação imperfeita do passado e distanciada do movimento do presente. Também sabemos que essa organização é transitória e, mais ainda, que outras poderemos ir elaborando. Creio que o tema da interdisciplinaridade, e as novas diretrizes de formação profissional docente, vinculam-se às insatisfações que temos diante da quase igualdade entre projeto e currículo e da fragilidade da representação da organização disciplinar para a vida e, especialmente, para o aprender, embora tenhamos a impressão de que facilite o ensinar. Considero, então, a organização das disciplinas um fator secundário em relação à formação das disposições intelectuais, emotivas e corporais. Se disciplinas como filosofia, lógica, matemática e física fazem parte da formação intelectual não menos parte fazem a história, a literatura e a religião, a ginástica e os esportes, a recreação e a criação artística. Imaginem a carga emotiva que deveu ser mobilizada para se atreverem a pensar, depois de mais de 2 milênios de repetir que por um ponto exterior a uma reta passa apenas uma paralela, que podia passar mais de uma ou nenhuma. Os cientistas pesquisaram e pesquisam como as emoções entram em nossos pensamentos, acredito que hoje vigore o consenso de que devemos pesquisar como as emoções entram no que pensamos. Emoções que, tradicionalmente, se situam no corpo. Sentimos as emoções com o corpo, criamos emoções a partir de posturas corporais. Os gestos do riso ou do choro definem a emoção. Meus alunos e colegas que se dedicam às práticas da ioga me dizem que a postura corporal, a modalidade e o ritmo respiratório condicionam as emoções. A postura específica a ser

adotada é, entretanto, produto da observação da prática, da construção de argumentos vinculados a evidências.

Creio que hoje estamos altamente preocupados pela formação na cultura científica que se tornou um valor orientador vinculada ao objetivo de sermos seres capazes de processar as novas informações em processo acelerado de geração. No entanto, não estamos menos preocupados pelos relacionamentos humanos e, então, a formação moral ou ética tem grande destaque. Esta formação demanda uma base emocional correspondente. Se a crueldade não nos provoca emoções negativas que queremos eliminar, porque agiríamos para superá-la? Assim, a moral demanda emoções em correspondência, emoções que se manifestam os sentires do corpo.

A formação intelectual é central para a cultura científica em condições do mundo que nos incitam a produzir conhecimentos, tecnológicas, técnicas, porém, não menos importante é a base emocional que vinculada à moralidade permite que nos movimentemos para diminuir o sofrimento e a crueldade do presente e do futuro.

Creio que o núcleo da cultura científica forma parte da cultura sem qualificativos. Diria que esse núcleo reside em poder elaborar argumentos sustentados em evidências e os fundamentos das relações entre as sentenças e as evidências (Lovisol, H. 2002). Criar condições para a apropriação desse núcleo pode, e deve, formar parte da educação física escolar. Se apresentamos os argumentos a favor de um fundamento esportivo e se criarmos experiências que nos permitam colher evidências estaremos, na prática, contribuindo para a formação na cultura científica e, também, para um melhor domínio do fundamento. Se entendemos a emergência do esporte em relação a um conjunto de mudanças da sociedade inglesa estaremos trabalhando de forma interdisciplinar, minimamente quebrando a imagem de que no campo da educação física escolar apenas importa a ginástica e os esportes. Se colocamos em relação a teoria da evolução com a evolução do beisebol, como fez Gould, estaremos entendendo o esporte e a teoria da evolução. Se fizermos isso, estaremos desenvolvendo a interdisciplinaridade ainda quando o professor de biologia de história não estejam presentes. Se discutimos a tese de que o treinamento esportivo fez diminuir o campo de futebol, modificando o jogo em relação ao passado, se organizarmos os argumentos e os contra-argumentos, as evidências e as contra-evidências de essa tese, estaremos desenvolvendo o núcleo da cultura científica e poderemos discutir se devemos aumentar o campo, modificá-lo ou diminuir o número de jogadores ou qualquer outra alternativa. Teremos que trabalhar com fisiologia, treinamento, física e geometria, poderemos fazer isso com os professores de outras disciplinas ou sozinhos, igualmente estaremos pulando por cima das distinções disciplinares e mostrando como recursos de disciplinas diferentes devem ser acionados para

pensarmos um problema do futebol e desenvolvermos nossas habilidades de pesquisa.

Por esses caminhos, a discussão do esporte permite inserir a educação física escolar além do aprendizado do movimento ou do desenvolvimento da força, da resistência, da coordenação e da elasticidade. Contudo, lembrando que estes são objetivos singulares da formação corporal que não deveriam ser abandonados. O aluno pode pular barreiras, contudo, deve também pesquisar a melhor forma de fazê-lo. Deve praticar os fundamentos, contudo, deve pesquisar porque esses e não outros são **fundamentos**. Assim, é sobretudo no *como* fazemos para que se aprendam as singularidades da educação física que temos que desenvolver a comunalidade com o projeto da escola.

Saber discordar criando contra-argumentos ou evidências contrárias é tão importante como saber concordar diante de argumentos e evidências convincentes. Este processo social é fundamental para a vida científica, porém, também para vida familiar, política e para estabelecermos como jogaremos no próximo jogo do torneio escolar. Se temos um problema de relacionamento, basicamente emocional, e lidamos com ele correntemente com argumentos e evidências estaremos num mundo diferente de quando lidamos com o mesmo problema com gritos, choros, insultos ou socos. O núcleo da prática científica se está tornando um modelo para as relações humanas na família, na escola, na empresa e na vida política democrática. Mas a expansão desse modo de tratar os problemas implica um controle emocional significativo que talvez não seja diferente ao que precisamos para reagir a uma falta violenta esperando a marcação do juiz.

Creio que a formação emocional envolve a moral. Formar emocionalmente significa criar disposições afetivas positivas e negativas. Por exemplo, formar com disposições positivas para cuidarmos da natureza, dos outros e de si mesmo é fundamental para a educação hoje; formar disposições positivas em relação às artes, as ciências e os esportes são parte da formação emocional. Formar disposições que nos levem a aderir e manter as práticas corporais forma parte da formação emotiva, inclui-se dentro dos cuidados de si. Significa formar disposições emocionais favoráveis a cuidarmos de nossos eus e, portanto, também de nossos corpos. Esta não é uma tarefa exclusiva dos professores escolares de educação física nem dos médicos. Da mesma forma que desenvolver a disposição a cuidarmos da natureza não é uma tarefa exclusiva dos que defendem a ecologia nem dos professores de biologia. Para cuidarmos do corpo ou da ecologia precisamos também saber como funcionam, entendermos os argumentos e evidências que nos levam a crenças justificadas sobre como a destruição dos recursos naturais nos afeta no presente condiciona o futuro, significa entendermos os argumentos e evidências sobre como essas crenças se constituíram. Há um certo

embrenhamento entre o intelectual, o emocional e o corporal, embora com graus variados de fusão e confusão.

O famoso fair play seria uma disposição intelectual ou emocional ou ambas as coisas ao mesmo tempo? Creio que habitualmente pensamos que é uma disposição emocional em relação ao jogo que faz tempo consideramos como positiva. Dizemos habitualmente que há fair play quando a disposição emocional em relação ao jogo faz que a vontade ou prazer de jogar sobrepuje a vontade ou prazer de ganhar por qualquer meio. Contudo, tal disposição emocional não pode ser separada da compreensão intelectual de que sem regras e sem seu respeito o jogo acaba. Sem a compreensão de que a regra é um limite que obriga a desenvolver as habilidades do jogo e, então, um estímulo ao desenvolvimento pessoal e grupal. E esta compreensão se alonga para indicar-nos que sem acordos, sem regras compartilhadas e respeitadas, a vida seria bem mais difícil do que ela é. O que estou dizendo é que o que denominamos moral não é um código de conduta, moral são as disposições emocionais que consideramos positivas. O código moral é um padrão formalizado de avaliação, portanto de orientação, para a formação das disposições emocionais. Creio que concordaríamos em afirmar que a disposição emocional de reagirmos diante da crueldade, do sofrimento nosso e dos outros é fundamental para criarmos um mundo melhor.

A formação corporal também pretende criar disposições positivas para o corpo. De fato, resistência, força, elasticidade são disposições do corpo. Aqui também contamos com padrões formalizados de avaliação (testes de força, elasticidade e resistência, por exemplo). A disposição para antecipar a jogada aparece como um operação complexa que envolve específicas disposições intelectuais, emocionais e corporais. A neurofisiologia se pergunta sobre como funcionamos na antecipação, como se forma o *zumbi* interior (Ramachandran, V.S.; Blakelee, S. 2002). Ainda teremos que caminhar bastante para entender esse tipo de ações e, então, talvez formularmos testes de avaliação padronizados.

Posso agora afinar minha afirmação de que a educação física escolar deve estar articulada e integrada com o projeto da escola. A integração implica que no trabalho singular e específico com o corpo inventemos as formas, os caminhos de *como* trabalharmos com as emoções e o intelecto, em condições que demandam a formação na cultura científica, a formação de emoções morais e corpos satisfeitos em sentirem que a vida, com seus ciclos de ordem-desordem-ordem, neles está com força. Diria que o educador físico deve ajudar na construção da emoção de sentirmos a potência da vida no próprio corpo. Esta, talvez, seja sua singularidade.

Referências

- Gould S., (1990) Manter a forma, in ***O sorriso do flamengo***, São Paulo, Cia das Letras, 1990.
- Lovisoló, H. (2000) *Atividade física, educação e saúde*, Rio de Janeiro, Sprint, capítulo 1.
- Lovisoló, H. (2002). *Pesquisa na universidade ou de como nos estamos tornado filosoficamente americanos*, mimeo.
- Lovisoló, H. *Educação popular: maioria e conciliação*, Salvador, Ed. OEA/UFBA/EGBA, 1990.
- Lovisoló, H. Engenharia escolar, autonomia e motivação, in *Ciência Hoje*
- Ramachandran, V.S. e Blakelee, S., 2002. ***Fantasma no cérebro***, Rio de Janeiro, Ed. Recordo.

Endereço:

Hugo Lovisoló
Rua Caruarú 25, apto 302
20560-215-- Rio de Janeiro RJ
e-mail: lovisolo@momentus.com.br

Manuscrito recebido em 30 de outubro de 2002.
Manuscrito aceito em 27 de março de 2003.